

SANTA MARIA, MÃE DE DEUS

CIC 464-469: Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem

- 464** O acontecimento único e absolutamente singular da Encarnação do Filho de Deus não significa que Jesus Cristo seja em parte Deus e em parte homem, nem que seja o resultado de uma mistura confusa do divino com o humano. Ele fez-Se verdadeiro homem, permanecendo verdadeiro Deus. Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Esta verdade da fé, teve a Igreja de a defender e clarificar no decurso dos primeiros séculos, perante heresias que a falsificavam.
- 465** As primeiras heresias negaram menos a divindade de Cristo que a sua verdadeira humanidade (docetismo gnóstico). Desde os tempos apostólicos que a fé cristã insistiu sobre a verdadeira Encarnação do Filho de Deus «vindo na carne»¹. Mas, a partir do século III, a Igreja teve de afirmar, contra Paulo de Samossata, num concílio reunido em Antioquia, que Jesus Cristo é Filho de Deus por natureza e não por adopção. O primeiro Concílio ecuménico de Niceia, em 325, confessou no seu *Credo* que o Filho de Deus é «gerado, não criado, consubstancial (‘homoúsios’) ao Pai»²; e condenou Ario, o qual afirmava que «o Filho de Deus saiu do nada»³ e devia ser «duma substância diferente da do Pai»⁴.
- 466** A heresia nestoriana via em Cristo uma pessoa humana unida à pessoa divina do Filho de Deus. Perante esta heresia, São Cirilo de Alexandria e o terceiro Concílio ecuménico, reunido em Éfeso em 431, confessaram que «o Verbo, unindo na sua pessoa uma carne animada por uma alma racional, Se fez homem»⁵. A humanidade de Cristo não tem outro sujeito senão a pessoa divina do Filho de Deus, que a assumiu e a fez sua desde que foi concebida. Por isso, o Concílio de Éfeso proclamou, em 431, que Maria se tornou, com toda a verdade, Mãe de Deus, por ter concebido humanamente o Filho de Deus em seu seio: «Mãe de Deus, não porque o Verbo de Deus dela tenha recebido a natureza divina, mas porque dela recebeu o corpo sagrado, dotado duma alma racional, unido ao qual, na sua pessoa, se diz que o Verbo nasceu segundo a carne»⁶.
- 467** Os monofisitas afirmavam que a natureza humana tinha deixado de existir, como tal, em Cristo, sendo assumida pela sua pessoa divina de Filho de

¹ Cf. 1 Jo 4, 2-3; 2 Jo 7.

² *Símbolo de Niceia*: DS 125.

³ CONCÍLIO DE NICEIA, *Epistula synodalis* «Epeidê tês» ad Aegyptios: DS 130.

⁴ *Símbolo de Niceia*: DS 126.

⁵ CONCÍLIO DE ÉFESO, *Epistula II Cyrilli Alexandrini ad Nestorium*: DS 250.

⁶ CONCÍLIO DE ÉFESO, *Epistula II Cyrilli Alexandrini ad Nestorium*: DS 251.

Deus. Confrontando-se com esta heresia, o quarto Concílio ecuménico, em Calcedónia, no ano de 451, confessou:

«Na sequência dos santos Padres, ensinamos unanimemente que se confesse um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, igualmente perfeito na divindade e perfeito na humanidade, sendo o mesmo verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, composto duma alma racional e dum corpo, consubstancial ao Pai pela sua divindade, consubstancial a nós pela sua humanidade, «semelhante a nós em tudo, menos no pecado»⁷: gerado do Pai antes de todos os séculos segundo a divindade, e nestes últimos dias, por nós e pela nossa salvação, nascido da Virgem Mãe de Deus segundo a humanidade.

Um só e mesmo Cristo, Senhor, Filho Único, que devemos reconhecer em duas naturezas, sem confusão, sem mudança, sem divisão, sem separação. A diferença das naturezas não é abolida pela sua união; antes, as propriedades de cada uma são salvaguardadas e reunidas numa só pessoa e numa só hipóstase»⁸.

468 Depois do Concílio de Calcedónia, alguns fizeram da natureza humana de Cristo uma espécie de sujeito pessoal. Contra eles, o quinto Concílio ecuménico, reunido em Constantinopla em 553, confessou a propósito de Cristo: «não há n'Ele senão uma só hipóstase (ou pessoa), que é nosso Senhor Jesus Cristo, *um da Trindade*»⁹. Tudo na humanidade de Cristo deve, portanto, ser atribuído à sua pessoa divina como seu sujeito próprio¹⁰; não só os milagres, mas também os sofrimentos¹¹ e a própria morte: «Aquele que foi crucificado na carne, nosso Senhor Jesus Cristo, é verdadeiro Deus, Senhor da glória e um da Santíssima Trindade»¹².

469 Assim, a Igreja confessa que Jesus é inseparavelmente verdadeiro Deus e verdadeiro homem. É verdadeiramente o Filho de Deus feito homem, nosso irmão, e isso sem deixar de ser Deus, nosso Senhor:

«Id quod fuit remansit, et quod non fuit assumpsit» – «Continuou a ser o que era e assumiu o que não era», como canta a Liturgia Romana¹³. E a Liturgia de São João Crisóstomo proclama e canta: «Ó Filho único e Verbo de Deus, sendo imortal, Vos dignastes, para nossa salvação, encarnar no seio da Santa Mãe de Deus e sempre Virgem Maria, e sem mudança Vos fizestes homem e fostes crucificado! Ó Cristo Deus, que por Vossa morte esmagastes a morte, que sois um da Santíssima Trindade, glorificado com o Pai e o Espírito Santo, salvai-nos!»¹⁴.

⁷ Cf. *Heb* 4, 15.

⁸ CONCÍLIO DE CALCEDÓNIA, *Symbolum*: DS 301-302.

⁹ II CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA, Sess. 8ª, Canon 4: DS 424.

¹⁰ Cf. já CONCÍLIO DE ÉFESO, *Anathematismi Cyrilli Alexandrini*, 4: DS 255.

¹¹ Cf. II CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA, Sess. 8ª, Canon 3: DS 423.

¹² Cf. II CONCÍLIO DE CONSTANTINOPLA, Sess. 8ª, Canon 10: DS 432.

¹³ Antífona do «Benedictus» no ofício da Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus: *Liturgia Horarum*, editio typica, v. 1 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973) p. 394 [A edição oficial portuguesa omite a versão deste texto: *Liturgia das Horas* (Gráfica de Coimbra 1983), v. 1, p. 438]; cf. SÃO LEÃO MAGNO, *Sermão* 21, 2: CCL 138, 87 (PL 54, 192).

¹⁴ *Ofício das Horas Bizantino*, Tropicário «*O monoghenis*»: «*Horológion tò méga* (Romae 1876) p. 82.

CIC 495, 2677: Maria é a Mãe de Deus

495 Chamada nos evangelhos «a Mãe de Jesus» (Jo 2, 1; 19, 25)¹⁵, Maria é aclamada, sob o impulso do Espírito Santo e desde antes do nascimento do seu Filho, como «a Mãe do meu Senhor» (Lc 1, 43). Com efeito, Aquele que Ela concebeu como homem por obra do Espírito Santo, e que Se tornou verdadeiramente seu Filho segundo a carne, não é outro senão o Filho eterno do Pai, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. A Igreja confessa que Maria é, verdadeiramente, Mãe de Deus (Θεοτόκος)¹⁶.

2677 «Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós...». Com Isabel, também nós ficamos maravilhados: «E de onde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?» (Lc 1, 43). Porque nos dá Jesus, seu Filho, Maria é Mãe de Deus e nossa Mãe; podemos confiar-lhe todas as nossas preocupações e pedidos: Ela ora por nós como orou por si própria: «Faça-se em Mim segundo a tua palavra» (Lc 1, 38). Confiando-nos à sua oração, abandonamo-nos com Ela à vontade de Deus: «Seja feita a vossa vontade».

«Rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte». Pedindo a Maria que rogue por nós, reconhecemo-nos pobres pecadores e recorremos à «Mãe de misericórdia», à «Santíssima». Confiamo-nos a Ela «agora», no hoje das nossas vidas. E a nossa confiança alarga-se para lhe confiar desde agora «a hora da nossa morte». Que Ela esteja então presente como na morte do seu Filho na cruz e que, na hora do nosso passamento, Ela nos acolha como nossa Mãe¹⁷, para nos levar ao seu Filho Jesus, no Paraíso.

CIC 1, 52, 270, 294, 422, 654, 1709, 2009: a nossa adoção como filhos de Deus

1 Deus, infinitamente perfeito e bem-aventurado em Si mesmo, num desígnio de pura bondade, criou livremente o homem para o tornar participante da sua vida bem-aventurada. Por isso, sempre e em toda a parte, Ele está próximo do homem. Chama-o e ajuda-o a procurá-Lo, a conhecê-Lo e a amá-Lo com todas as suas forças. Convoca todos os homens, dispersos pelo pecado, para a unidade da sua família que é a Igreja. Para tal, enviou o seu Filho como Redentor e Salvador na plenitude dos tempos. N'Ele e por Ele, chama os homens a tornarem-se, no Espírito Santo, seus filhos adotivos e, portanto, herdeiros da sua vida bem-aventurada.

52 Deus, que «habita numa luz inacessível» (1 Tm 6, 16), quer comunicar a sua própria vida divina aos homens que livremente criou, para fazer deles, no seu Filho único, filhos adotivos¹⁸. Revelando-Se a Si mesmo, Deus quer tornar os homens capazes de Lhe responderem, de O conhecerem e de O amarem, muito para além de tudo o que seriam capazes por si próprios.

¹⁵ Cf. Mt 13, 55.

¹⁶ Cf. CONCÍLIO DE ÉFESO, *Epistula II Cyrilli Alexandrini ad Nestorium*: DS 251.

¹⁷ Cf. Jo 19, 27.

¹⁸ Cf. Ef 1, 4-5.

- 270** Deus é o *Pai* todo-poderoso. A sua paternidade e o seu poder esclarecem-se mutuamente. Com efeito, Ele mostra a sua onipotência paterna pelo modo como cuida das nossas necessidades¹⁹; pela adoção filial que nos concede («serei para vós um Pai e vós sereis para Mim filhos e filhas, diz o Senhor todo poderoso»: *2 Cor* 6, 18); enfim, pela sua infinita misericórdia, pois mostra o seu poder no mais alto grau, perdendo livremente os pecados.
- 294** A glória de Deus está em que se realize esta manifestação e esta comunicação da sua bondade, em ordem às quais o mundo foi criado. Fazer de nós «filhos adoptivos por Jesus Cristo. Assim aprouve à sua vontade, *para que fosse enaltecida a glória da sua graça*» (*Ef* 1, 5-6): «Porque a glória de Deus é o homem vivo, e a vida do homem é a visão de Deus; se a revelação de Deus pela criação já proporcionou a vida a todos os seres que vivem na terra, quanto mais a manifestação do Pai pelo Verbo proporciona a vida aos que vêem a Deus!»²⁰. O fim último da criação é que Deus Pai, «criador de todos os seres, venha finalmente a ser *'tudo em todos'* (*1 Cor* 15, 28), provendo, ao mesmo tempo, à sua glória e à nossa felicidade»²¹.
- 422** «Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher e sujeito à Lei, para resgatar os que estavam sujeitos à Lei e nos tornar seus filhos adoptivos» (*Gl* 4, 4-5). Esta é a «Boa-Nova de Jesus Cristo, Filho de Deus»²²: Deus visitou o seu povo²³ e cumpriu as promessas feitas a Abraão e à sua descendência²⁴; fê-lo para além de toda a expectativa: enviou o seu «Filho muito-amado»²⁵.
- 654** Existe um duplo aspecto no mistério pascal: pela sua morte, Cristo liberta-nos do pecado; pela sua ressurreição, abre-nos o acesso a uma nova vida. Esta é, antes de mais, a *justificação*, que nos repõe na graça de Deus²⁶, «para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos [...], também nós vivamos uma vida nova» (*Rm* 6, 4). Esta consiste na vitória sobre a morte do pecado e na nova participação na graça²⁷; realiza a *adoção filial*, porque os homens tornam-se irmãos de Cristo, como o próprio Jesus chama aos discípulos depois da ressurreição: «Ide anunciar aos meus irmãos» (*Mt* 28, 10)²⁸. Irmãos, não por natureza, mas por dom da graça, porque esta filiação adoptiva proporciona uma participação real na vida do Filho, plenamente revelada na sua ressurreição.
- 1709** Quem crê em Cristo torna-se filho de Deus. Esta adoção filial transforma-o, dando-lhe a possibilidade de seguir o exemplo de Cristo. Torna-o capaz de agir com rectidão e de praticar o bem. Na união com o seu Salvador, o discípulo

¹⁹ Cf. *Mt* 6, 32.

²⁰ SANTO IRENEU DE LIÃO, *Adversus haereses* 4, 20, 7: SC 100, 648 (PG 7, 1037).

²¹ II CONCÍLIO DO VATICANO, Decr. *Ad gentes*, 2: AAS 58 (1966) 948.

²² Cf. *Mc* 1, 1.

²³ Cf. *Lc* 1, 68.

²⁴ Cf. *Lc* 1, 55.

²⁵ Cf. *Mc* 1, 11.

²⁶ Cf. *Rm* 4, 25.

²⁷ Cf. *Ef* 2, 4-5; *1 Pe* 1, 3.

²⁸ Cf. *Jo* 20, 17.

atinge a perfeição da caridade, que é a santidade. Amadurecida na graça, a vida moral culmina na vida eterna, na glória do céu.

2009 A adoção filial, tornando-nos, pela graça, participantes da natureza divina, pode conferir-nos, segundo a justiça gratuita de Deus, um *verdadeiro mérito*. Trata-se de um direito derivante da graça, o direito pleno do amor que nos faz «co-herdeiros» de Cristo e dignos de obter a «herança prometida da vida eterna»²⁹. Os méritos das nossas boas obras são dons da bondade divina³⁰. «A graça precedeu; agora restitui-se o que é devido... Os méritos são dons de Deus»³¹.

CIC 527, 577-582: Jesus cumpre a Lei e aperfeiçoa-a

527 A *circuncisão* de Jesus, oito dias depois do seu nascimento³², é sinal da sua inserção na descendência de Abraão, no povo da Aliança, da sua submissão à Lei³³ e da sua deputação para o culto de Israel, no qual participará durante toda a sua vida. Este sinal prefigura «a circuncisão de Cristo», que é o Batismo³⁴.

577 Jesus fez uma solene advertência no início do sermão da montanha, ao apresentar a Lei dada por Deus no Sinai, quando da primeira Aliança, à luz da graça da Nova Aliança:

«Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim revogá-los, mas levá-los à perfeição. Em verdade vos digo: Antes que passem o céu e a Terra, não passará da Lei a mais pequena letra ou o mais pequeno sinal, sem que tudo se cumpra. Portanto, se alguém transgredir um só destes mandamentos, por mais pequeno que seja, e ensinar assim aos homens, será o menor no Reino dos céus. Mas aquele que os praticar e ensinar, será grande no Reino dos céus» (*Mt 5, 17-19*).

578 Jesus, o Messias de Israel e, portanto, o maior no Reino dos céus, fazia questão de cumprir a Lei, executando-a integralmente até nos mais pequenos preceitos, segundo as suas próprias palavras. Foi, mesmo, o único a poder fazê-lo perfeitamente³⁵. Os Judeus, segundo a sua própria confissão, não puderam nunca cumprir integralmente a Lei sem violação do mínimo preceito³⁶. Por isso é que, em cada festa anual da Expição, os filhos de Israel pediam a Deus perdão pelas suas transgressões da Lei. Com efeito, a Lei constitui um todo e, como lembra São Tiago, «quem observa toda a Lei, mas falta num só mandamento, fica réu de todos os outros» (*Tg 2, 10*)³⁷.

579 Este princípio da integralidade da observância da Lei, não só na letra mas também no espírito, era caro aos fariseus. Tornando-o extensivo a Israel,

²⁹ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 16: DS 1546.

³⁰ Cf. CONCÍLIO DE TRENTO, Sess. 6ª, *Decretum de iustificatione*, c. 16: DS 1546.

³¹ SANTO AGOSTINHO, *Sermão* 298, 4-5: SPM 1, 98-99 (PL 38, 1376).

³² Cf. *Lc 2, 21*.

³³ Cf. *Gl 4, 4*.

³⁴ Cf. *Cl 2, 11-13*.

³⁵ Cf. *Jo 8, 46*.

³⁶ Cf. *Jo 7, 19*; *Act 13, 38-41*; *15, 10*.

³⁷ Cf. *Gl 3, 10*; *5, 3*.

conduziram muitos judeus do tempo de Jesus a um zelo religioso extremo³⁸. E um tal zelo, se não se ficasse por uma casuística «hipócrita»³⁹, com certeza que prepararia o povo para esta inaudita intervenção de Deus, que será o cumprimento perfeito da Lei pelo único justo representante de todos os pecadores⁴⁰.

- 580** O cumprimento perfeito da Lei só podia ser obra do divino Legislador, nascido sujeito à Lei na pessoa do Filho⁴¹. Em Jesus, a Lei já não aparece gravada em tábuas de pedra, mas «no íntimo do coração» (*Jr* 31, 33) do Servo, o qual, proclamando «fielmente o direito» (*Is* 42, 3), se tornou «a aliança do povo» (*Is* 42, 6). Jesus cumpriu a Lei até ao ponto de tomar sobre Si «a maldição da Lei»⁴² em que incorrem aqueles que não «praticam todos os preceitos da Lei»⁴³; porque «a morte de Cristo foi para remir as faltas cometidas durante a primeira Aliança» (*Heb* 9, 15).
- 581** Jesus apareceu aos olhos dos Judeus e dos seus chefes espirituais como um «rabbi»⁴⁴. Muitas vezes argumentou, no quadro da interpretação rabínica da Lei⁴⁵. Mas, ao mesmo tempo, Jesus tinha forçosamente de Se confrontar com os doutores da Lei porque não Se contentava com propor a sua interpretação a par das deles: «ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas» (*Mt* 7, 28-29). N'Ele, era a própria Palavra de Deus, que Se fizera ouvir no Sinai, para dar a Moisés a Lei escrita, que de novo Se fazia ouvir sobre a montanha das bem-aventuranças⁴⁶. Esta Palavra de Deus não aboliu a Lei, mas cumpriu-a, ao fornecer, de modo divino, a sua interpretação última: «Ouvistes que foi dito aos antigos... Eu, porém, digo-vos» (*Mt* 5, 33-34). Com esta mesma autoridade divina, desaprova certas «tradições humanas»⁴⁷ dos fariseus, que «anulam a Palavra de Deus»⁴⁸.
- 582** Indo mais longe, Jesus cumpriu a lei sobre a pureza dos alimentos, tão importante na vida quotidiana judaica, explicando o seu sentido «pedagógico»⁴⁹ por uma interpretação divina: «Não há nada fora do homem que, ao entrar nele, o possa tornar impuro [...] – e assim declarava puros todos os alimentos – [...]. O que sai do homem é que o torna impuro. Pois, do interior do coração dos homens é que saem os pensamentos perversos» (*Mc* 7, 18-21). Proporcionando, com autoridade divina, a interpretação definitiva da Lei, Jesus colocou-Se numa situação de confronto com certos doutores da Lei, que não aceitavam a sua interpretação, muito embora garantida pelos sinais divinos que a acompanhavam⁵⁰. Isto vale sobretudo para a questão do sábado: Jesus lembra, e muitas

³⁸ Cf. *Rm* 10, 2.

³⁹ Cf. *Mt* 15, 3-7; *Lc* 11, 39-54.

⁴⁰ Cf. *Is* 53, 11; *Heb* 9, 15.

⁴¹ Cf. *Gl* 4, 4.

⁴² Cf. *Gl* 3, 13.

⁴³ Cf. *Gl* 3, 10.

⁴⁴ Cf. *Jo* 3, 2; *Mt* 22, 23-24.34-36.

⁴⁵ Cf. *Mt* 9, 12; 12, 5; *Mc* 2, 23-27; *Lc* 6, 6-9; *Jo* 7, 22-23.

⁴⁶ Cf. *Mt* 5, 1.

⁴⁷ Cf. *Mc* 7, 8.

⁴⁸ Cf. *Mc* 7, 13.

⁴⁹ Cf. *Gl* 3, 24.

⁵⁰ Cf. *Jo* 5, 36; 10, 25.37-38; 12, 37.

vezes com argumentos rabínicos⁵¹, que o repouso sabático não é violado pelo serviço de Deus⁵² ou do próximo⁵³, que as suas curas realizam.

CIC 580, 1972: a Nova Lei liberta-nos das restrições da Antiga Lei

580 O cumprimento perfeito da Lei só podia ser obra do divino Legislador, nascido sujeito à Lei na pessoa do Filho⁵⁴. Em Jesus, a Lei já não aparece gravada em tábuas de pedra, mas «no íntimo do coração» (*Jr* 31, 33) do Servo, o qual, proclamando «fielmente o direito» (*Is* 42, 3), se tornou «a aliança do povo» (*Is* 42, 6). Jesus cumpriu a Lei até ao ponto de tomar sobre Si «a maldição da Lei»⁵⁵ em que incorrem aqueles que não «praticam todos os preceitos da Lei»⁵⁶; porque «a morte de Cristo foi para remir as faltas cometidas durante a primeira Aliança» (*Heb* 9, 15).

1972 A Lei nova é chamada *Lei do amor*, porque faz agir mais pelo amor infundido pelo Espírito Santo do que pelo temor; *Lei da graça*, porque confere a força da graça para agir pela fé e pelos sacramentos; *Lei de liberdade*⁵⁷, porque nos liberta das observâncias rituais e jurídicas da Lei antiga, nos inclina a agir espontaneamente sob o impulso da caridade e, finalmente, nos faz passar da condição do escravo «que ignora o que faz o seu senhor», para a do amigo de Cristo: «porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi do meu Pai» (*Jo* 15, 15); ou ainda para a condição de filho herdeiro⁵⁸.

CIC 683, 689, 1695, 2766, 2777-2778: através do Espírito Santo podemos chamar a Deus “Abbá”

683 «Ninguém pode dizer “Jesus é o Senhor” a não ser pela acção do Espírito Santo» (*1 Cor* 12, 3). «Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: “Abbá! Pai!”» (*Gl* 4, 6). Este conhecimento da fé só é possível no Espírito Santo. Para estar em contacto com Cristo, é preciso primeiro ter sido tocado pelo Espírito Santo. É Ele que nos precede e suscita em nós a fé. Em virtude do nosso Baptismo, primeiro sacramento da fé, a Vida, que tem a sua fonte no Pai e nos é oferecida no Filho, é-nos comunicada, íntima e pessoalmente, pelo Espírito Santo na Igreja:

O Baptismo «dá-nos a graça do novo nascimento em Deus Pai, por meio do Filho no Espírito Santo. Porque aqueles que têm o Espírito de Deus são conduzidos ao Verbo, isto é, ao Filho; mas o Filho apresenta-os ao Pai, e o Pai dá-lhes a incorruptibilidade. Portanto, sem o Espírito não é possível ver o Filho de Deus, e sem o Filho ninguém tem acesso ao Pai, porque o conhecimento do Pai é o Filho, e o conhecimento do Filho de Deus faz-se pelo Espírito Santo»⁵⁹.

⁵¹ Cf. *Mc* 2, 25-27; *Jo* 7, 22-24.

⁵² Cf. *Mt* 12, 5; *Nm* 28, 9.

⁵³ Cf. *Lc* 13, 15-16; 14, 3-4.

⁵⁴ Cf. *Gl* 4, 4.

⁵⁵ Cf. *Gl* 3, 13.

⁵⁶ Cf. *Gl* 3, 10.

⁵⁷ Cf. *Tg* 1, 25; 2, 12.

⁵⁸ Cf. *Gl* 4, 1-7; 21-31; *Rm* 8, 15-17.

⁵⁹ SANTO IRENEU DE LIÃO, *Demonstratio praedicationis apostolicae*, 7: SC 62, 41-42.

689 Aquele que o Pai enviou aos nossos corações, o Espírito do seu Filho⁶⁰, é realmente Deus. Consustancial ao Pai e ao Filho, é d’Eles inseparável, tanto na vida íntima da Trindade como no seu dom de amor pelo mundo. Mas ao adorar a Santíssima Trindade, vivificante, consustancial e indivisível, a fé da Igreja professa também a distinção das Pessoas. Quando o Pai envia o seu Verbo, envia sempre o seu Sopro: missão conjunta na qual o Filho e o Espírito Santo são distintos mas inseparáveis. Sem dúvida, é Cristo quem aparece, Ele que é a Imagem visível de Deus invisível; mas é o Espírito Santo que O revela.

1695 «Justificados pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo e pelo Espírito do nosso Deus» (1 Cor 6, 11), «santificados e chamados a serem santos»⁶¹, os cristãos tornaram-se «templo do *Espírito Santo*» (1 Cor 6, 19). Este, que é o «Espírito do Filho», ensina-os a orar ao Pai⁶² e, tendo-Se feito vida deles, impele-os a agir⁶³ para produzirem os frutos do Espírito⁶⁴ mediante uma caridade activa. Curando as feridas do pecado, o Espírito Santo renova-nos interiormente por uma transformação espiritual⁶⁵, ilumina-nos e fortalece-nos para vivermos como «filhos da luz» (Ef 5, 8) «em toda a espécie de bondade, justiça e verdade» (Ef 5, 9).

2766 Mas Jesus não nos deixa uma fórmula para ser repetida maquinalmente⁶⁶. Como em toda a oração vocal, é pela Palavra de Deus que o Espírito Santo ensina os filhos de Deus a orar ao seu Pai. Jesus dá-nos, não somente as palavras da nossa oração filial, mas também, ao mesmo tempo, o Espírito pelo qual elas se tornam em nós «espírito e vida» (Jo 6, 63). Mais ainda: a prova e a possibilidade da nossa oração filial é que o Pai «enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho que clama: “Abbá! ó Pai!”» (Gl 4, 6). Uma vez que a nossa oração traduz os nossos desejos junto de Deus, é ainda «Aquele que sonda os corações», o Pai, que «conhece o desejo do Espírito, porque é de acordo com Deus que o Espírito intercede pelos santos» (Rm 8, 27). A oração ao nosso Pai insere-se na missão misteriosa do Filho e do Espírito.

2777 Na liturgia romana, a assembleia eucarística é convidada a orar ao nosso Pai com ousadia filial. As liturgias orientais utilizam e desenvolvem expressões análogas: «Ousar com toda a segurança», «tornai-nos dignos de». Diante da sarça ardente foi dito a Moisés: «Não te aproximes. Descalça as sandálias» (Ex 3, 5). Este umbral da santidade divina, só Jesus o podia franquear, Ele que, «tendo realizado a purificação dos pecados» (Heb 1, 3), nos introduz perante a face do Pai: «Eis-me, a mim e aos filhos que Deus Me deu!» (Heb 2, 13):

«A consciência que temos da nossa situação de escravos far-nos-ia sumir sob o chão, a nossa condição terrena dissolver-se-ia em pó, se a autoridade do próprio Pai e o Espírito do Seu Filho não nos levasse a soltar este grito: “Abbá, Pai!” (Rm 8, 15) [...]. Quando é que a fraqueza dum mortal se atreveria a chamar a Deus seu Pai, senão somente quando o íntimo do homem é animado pelo poder do alto?»⁶⁷.

⁶⁰ Cf. Gl 4, 6.

⁶¹ Cf. 1 Cor 1, 2.

⁶² Cf. Gl 4, 6.

⁶³ Cf. Gl 5, 25.

⁶⁴ Cf. Gl 5, 22.

⁶⁵ Cf. Ef 4, 23.

⁶⁶ Cf. Mt 6, 7; 1 Rs 18, 26-29.

⁶⁷ SÃO PEDRO CRISÓLOGO, *Sermão* 71, 3: CCL 24A, 425 (PL 52, 401).

2778 Este poder do Espírito que nos introduz na oração do Senhor é expresso, nas liturgias do Oriente e do Ocidente, pela bela expressão tipicamente cristã: «parrêsia», simplicidade sem desvio, confiança filial, segurança alegre, ousadia humilde, certeza de ser amado⁶⁸.

CIC 430-435, 2666-2668, 2812: o nome de Jesus

430 Em hebraico, *Jesus* quer dizer «Deus salva». Aquando da Anunciação, o anjo Gabriel dá-lhe como nome próprio o nome de Jesus, o qual exprime, ao mesmo tempo, a sua identidade e a sua missão⁶⁹. Uma vez que «só Deus pode perdoar os pecados» (*Mc* 2, 7), será Ele quem, em Jesus, seu Filho eterno feito homem, «salvará o seu povo dos seus pecados» (*Mt* 1, 21). Em Jesus, Deus recapitula, assim, toda a sua história de salvação em favor dos homens.

431 Nesta história da salvação, Deus não Se contenta com libertar Israel «da casa da escravidão» (*Dt* 5, 6), fazendo-o sair do Egito. Salvou-o também do seus pecados. Porque o pecado é sempre uma ofensa feita a Deus⁷⁰, só Ele é que pode absolvê-lo⁷¹. É por isso que Israel, tomando cada vez mais consciência da universalidade do pecado, só poderá procurar a salvação na invocação do nome do Deus Redentor⁷².

432 O nome de Jesus significa que o próprio nome de Deus está presente na pessoa de seu Filho⁷³ feito homem para a redenção universal e definitiva dos pecados. Ele é o único nome divino que traz a salvação⁷⁴ e pode desde agora ser invocado por todos, pois a todos os homens Se uniu pela Encarnação⁷⁵, de tal modo que «não existe debaixo do céu outro nome, dado aos homens, pelo qual possamos ser salvos» (*Act* 4, 12)⁷⁶.

433 O nome de Deus salvador era invocado apenas uma vez por ano, pelo sumo sacerdote, para expiação dos pecados de Israel, depois de ter aspergido o propiciatório do «santo dos santos» com o sangue do sacrifício⁷⁷. O propiciatório era o lugar da presença de Deus⁷⁸. Quando São Paulo diz de Jesus que Deus O «ofereceu para, n'Ele, pelo seu sangue, se realizar a expiação» (*Rm* 3, 25), quer dizer que, na sua humanidade, «era Deus que em Cristo reconciliava o mundo consigo» (*2 Cor* 5, 19).

434 A ressurreição de Jesus glorifica o nome de Deus salvador⁷⁹ porque, a partir daí, é o nome de Jesus que manifesta em plenitude o poder supremo do nome

⁶⁸ Cf. *Ef* 3, 12; *Heb* 3, 6; 4, 16; 10, 19; *1 Jo* 2, 28; 3, 21; 5, 14.

⁶⁹ Cf. *Lc* 1, 31.

⁷⁰ Cf. *Sl* 51, 6.

⁷¹ Cf. *Sl* 51, 11.

⁷² Cf. *Sl* 79, 9.

⁷³ Cf. *Act* 5, 41; *3 Jo* 7.

⁷⁴ Cf. *Jo* 3, 18; *Act* 2, 21.

⁷⁵ Cf. *Rm* 10, 6-13.

⁷⁶ Cf. *Act* 9, 14; *Tg* 2, 7.

⁷⁷ Cf. *Lv* 16, 15-16; *Sir* 50, 22; *Heb* 9, 7.

⁷⁸ Cf. *Ex* 25, 22; *Lv* 16, 2; *Nm* 7, 89; *Heb* 9, 5.

⁷⁹ Cf. *Jo* 12, 28.

que está acima de todos os nomes» (*Fl* 2, 9-10). Os espíritos maus temem o seu nome⁸⁰ e é em seu nome que os discípulos de Jesus fazem milagres⁸¹, porque tudo o que pedem ao Pai, em seu nome, Ele lho concede⁸².

435 O nome de Jesus está no centro da oração cristã. Todas as orações litúrgicas se concluem com a fórmula «*per Dominum nostrum Jesum Christum* – por nosso Senhor Jesus Cristo». A Ave-Maria culmina nas palavras «e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus». A oração-do-coração dos Orientais, chamada «oração a Jesus», diz: «Jesus Cristo, Filho de Deus, Senhor, tem piedade de mim, pecador». E muitos cristãos morrem, como Santa Joana d’Arc, tendo nos lábios apenas uma palavra: «Jesus»⁸³.

2666 Mas o nome que tudo encerra é o que o Filho de Deus recebe na sua encarnação: JESUS. O nome divino é indizível para lábios humanos⁸⁴; mas, ao assumir a nossa humanidade, o Verbo de Deus comunica-no-lo e nós podemos invocá-lo: «Jesus», «YHWH salva»⁸⁵. O nome de Jesus contém tudo: Deus e o homem e toda a economia da criação e da salvação. Rezar «Jesus» é invocá-Lo, chamá-Lo a nós. O seu nome é o único que contém a presença que significa. Jesus é o Ressuscitado, e todo aquele que invocar o seu nome, acolhe o Filho de Deus que o amou e por ele Se entregou⁸⁶.

2667 Esta invocação de fé tão simples foi desenvolvida na tradição da oração sob as mais variadas formas, tanto no Oriente como no Ocidente. A formulação mais habitual, transmitida pelos espirituais do Sinai, da Síria e de Athos, é a invocação: «Jesus, Cristo, Filho de Deus, Senhor, tende piedade de nós, pecadores!». Ela conjuga o hino cristológico de *Fl* 2, 6-11 com a invocação do publicano e dos mendigos da luz⁸⁷. Por ela, o coração sintoniza com a miséria dos homens e com a misericórdia do seu Salvador.

2668 A invocação do santo Nome de Jesus é o caminho mais simples da oração contínua. Muitas vezes repetida por um coração humildemente atento, não se dispersa num «mar de palavras» (*Mt* 6, 7), mas «guarda a Palavra e produz fruto pela constância»⁸⁸. E é possível «em todo o tempo», porque não constitui uma ocupação a par de outra, mas é a ocupação única, a de amar a Deus, que anima e transfigura toda a acção em Cristo Jesus.

2812 Finalmente, é em Jesus que o nome do Deus santo nos é revelado e dado, na carne, como salvador⁸⁹: revelado pelo que Ele é, pela sua Palavra e pelo seu sacrifício⁹⁰. É o coração da sua oração sacerdotal: «Pai santo, [...] por eles Eu

⁸⁰ Cf. *Act* 16, 16-18; 19, 13-16.

⁸¹ Cf. *Mc* 16, 17.

⁸² Cf. *Jo* 15, 16.

⁸³ Cf. *La réhabilitation de Jeanne la Pucelle. L'enquête ordonnée par Charles VII en 1450 et le codicille de Guillaume Bouillé*, ed. P. DONCOEUR – Y. LANHERS (Paris 1956), p. 39.45.56.

⁸⁴ Cf. *Ex* 3, 14; 33, 19-23.

⁸⁵ Cf. *Mt* 1, 21.

⁸⁶ Cf. *Rm* 10, 13; *Act* 2, 21; 3, 15-16; *Gl* 2, 20.

⁸⁷ Cf. *Lc* 18, 13; *Mc* 10, 46-52.

⁸⁸ Cf. *Lc* 8, 15.

⁸⁹ Cf. *Mt* 1, 21; *Lc* 1, 31.

⁹⁰ Cf. *Jo* 8, 28; 17, 8; 17, 17-19.

me consagro para que também eles sejam consagrados na verdade» (Jo 17, 19). Porque Ele próprio «santifica» o seu nome⁹¹, é que Jesus nos «manifesta» o nome do Pai⁹². No termo da sua Páscoa é que o Pai Lhe dá então o nome que está acima de todo o nome: Jesus é Senhor para glória de Deus Pai⁹³.

⁹¹ Cf. Ez 20, 39; 36, 20-21.

⁹² Cf. Jo 17, 6.

⁹³ Cf. Fl 2, 9-11.